

COMUNICAÇÕES - PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTOS EM
QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

**APORTES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE MULHERES NEGRAS
FEMINISTAS PARA O CAMPO DA SAÚDE NO BRASIL**

Hevelyn Rosa Machert Da Conceicao (hevelynconceicao@gmail.com)

Cristiane Da Silva Cabral (cabralcs@usp.br)

Laura Moura (laura.chieppe@hotmail.com)

Esse trabalho integra uma pesquisa em curso que investiga processos de constituição de ativismos feministas negros no campo da saúde da mulher no Brasil, com objetivo de sistematizar e visibilizar trajetórias de atuação de feministas negras na interface entre movimentos sociais e Estado na luta por direitos à saúde. Elaborada por meio de uma composição entre entrevistas individuais e pesquisa documental, a pesquisa busca coletar e analisar narrativas de trajetórias de vida de mulheres negras militantes em conjunto com documentos de movimentos sociais e políticas públicas de saúde da mulher. Os principais referenciais teóricos que orientam o projeto são: o conceito de epistemicídio de Sueli Carneiro e de escrevivência de Conceição Evaristo. Acredita-se que essa combinação permite, a um só tempo, dessujeitar os saberes orgânicos e proporcionar que corpos que historicamente vem sendo falados, possam assumir o lugar de fala. Os resultados iniciais apontam que há um balanço histórico crítico do campo da saúde da mulher que se articula a uma perspectiva imersa na experiência da construção coletiva da militância, destacando o papel desempenhado por mulheres negras e de camadas pobres para a construção e sustentação dos movimentos feministas no Brasil. As

narrativas levantam questões que se colocam no centro dos debates sobre a história das lutas das mulheres no Brasil, com destaque, especialmente, para a visibilização dos efeitos perversos da intersecção entre racismo e machismo no processo de saúde-doença-cuidado de mulheres negras. Esses efeitos podem ser vistos tanto no acesso ao direito à saúde, quanto na própria produção de conhecimento e no ciclo das políticas públicas. Na assistência à saúde, os relatos indicam a relevância da denúncia de práticas violentas perpetradas sistematicamente pelos serviços, como a violência obstétrica e as esterilizações compulsórias. Entre os impactos produzidos pelas mulheres negras feministas, ressalta-se a contestação da ideia de que o feminismo brasileiro e a luta pela legalização do aborto se dão hegemonicamente pela ação de mulheres brancas, escolarizadas e de classe média. Considerações finais: diversas ativistas negras têm dedicado seus esforços no sentido da ampliação e garantia de direitos de saúde às mulheres, incluindo direitos sexuais e reprodutivos, empenhando suas lutas na academia, com a produção de evidências científicas, ocupando cargos na administração pública ou se organizando em movimentos sociais. Esse exercício de incidir no Estado em prol de políticas públicas aliadas aos ideais dos direitos humanos contesta uma ideia corrente que tenta separar em distintas esferas os espaços de pensamento, elaboração e atuação. As mulheres negras feministas demonstram que “todas nós juntas construirmos conhecimento”.

Palavras-chave: movimentos sociais; feminismos negros; políticas públicas; direito à saúde; saúde da mulher.